



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 11, Issue, 04, pp. 46435-46438, April, 2021

<https://doi.org/10.37118/ijdr.21696.04.2021>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

MÉTODO NARRATIVO: INTRODUÇÃO PARA INICIANTES

***1Paulo Roberto de Jesus Silva, 2Thays Nayara Frazao Silva, 3Luciana de Jesus Botelho Sodré dos Santos, 4Joelice Silva da Luz, 5Clenilma da Silva Trindade and 6Paulo Caio Arau jo Silva**

¹Doutorado em Ciências e Matemática/UFMT, UFMA – Universidade Federal do Maranhão, Av. dos Portugueses, 1966 - Vila Bacanga, São Luís - MA, 65080-805; ²Mestranda do Programa De Pós-Gradua o Gestão de Ensino Da Educa o Básica - PPGEEB/UFMA, SEDUC e SEMED São Luís; ³Mestra em Educa o pela UEMA, Secretaria de Educa o do Estado do Maranhão –SEDUC e Secretaria Municipal de Educa o - SEMED São Luís-MA; ⁴Especialista Educa o Especial, Inclusão e LIBRAS, Secretaria de Educa o do Estado do Maranhão –SEDUC, SECMED - Bacabeira –MA; ⁶Especialista em Educa o Inclusiva, Secretaria Municipal de Educa o - SEMED - Itapecuru Mirim; SEDUC – MA, R.6, Qd 04, N  02, Conjunto Ipem, Bairro: Avia o; ⁷Licenciado em Educa o Física – Est cio São Luís, Rua Dezesete de Agosto, n 54, Santa Cruz, São Luís - Ma

ARTICLE INFO

Article History:

Received 11th January, 2021

Received in revised form

06th February, 2021

Accepted 17th March, 2021

Published online 28th April, 2021

Key Words:

Narrative method. Research.

Human and social sciences.

*Corresponding author:

Paulo Roberto de Jesus Silva

ABSTRACT

The narrative method in research is discussed through a panoramic historical analysis and reflection on some aspects considered relevant for the introduction of beginning researchers in this issue. Thus, the article aims to analyze the narrative method through the understanding of its meanings, characteristics and types of uses in the center of the research. Considering the theoretical location of this method in the context of research with a qualitative approach, it opts for the analysis of its uses and implications in the scope of the human and social sciences. Since other factors that motivated this study lie in the observation that the narratives circulate in the most diverse types of oral, written and visual texts constituting a specific modality of discourse. Narratives make it possible to tell real and imaginary stories, and the boundary that differentiates these two types of stories is tenuous or even non-existent. It is also relevant to emphasize that these have an important scientific value when expressing the way the subjects signify their own experiences. Faced with this challenge, our methodology is based on conducting a bibliographic research with input from authors who have already been discussing the theme and putting the narrative method in the linguistic research scene. As a result of this study, we show that despite the narrative, it is historically present in humanity, its use as a method requires methodological theoretical attention. We conclude that this method can contribute significantly to research in the soft sciences, as it allows investigating more deeply the complex human issues.

Copyright   2021, Paulo Roberto de Jesus Silva, This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Paulo Roberto de Jesus Silva, Thays Nayara Frazao Silva, Luciana de Jesus Botelho Sodr  dos Santos, Joelice Silva da Luz, Clenilma da Silva Trindade and Paulo Caio Arau jo Silva, 2021. "Método narrativo: Introdu o para iniciantes", *International Journal of Development Research*, 11, (04), 46435-46438.

INTRODU O

Pensamos que seria possível e pertinente discuti a respeito do método narrativo na pesquisa por meio de uma breve e assertiva discussão sobre a questão. Desta forma, iniciamos este artigo realizamos uma incursão panorâmica na história sobre o uso da narra o, com o cuidado de demonstrar delimita es no texto que evitem desvios do objetivo proposto que consiste em analisar o método narrativo através da compreensão de seus significados, características e tipos com foco de atua o no âmbito das ciências humanas e sociais (GONÇALVES-MAIA, 2011). Reconhece-se que existem diversas abordagens metodológicas alinhadas às pesquisas qualitativas, por isso focamos nosso olhar nessas áreas.

As narrativas perpassam um vasto campo da linguagem da humanidade, estas circulam nos mais diversificados meios e tipos de textos orais, escritos e visuais constituindo-se uma modalidade específica de discurso, estas possibilitam contar histórias reais e imaginárias, possibilitando compreender como os sujeitos significam suas próprias experiências da  residir um interesse crescente de várias áreas do saber científico e justificar nosso interesse neste estudo. Para compreender melhor este objeto de estudo e responder aos objetivos deste trabalho optamos metodologicamente em realizar uma pesquisa bibliográfica que se apoiasse em autores de referência que vem pondo na cena ling stica e científica a possibilidade do sujeito "dizer". Assim, neste texto analisamos aspectos que julgamos necessários para reflexão de pesquisadores iniciantes que pretendem utilizar-se do método narrativo, especialmente no cenário das ciências

humanas e sociais. Dentre os resultados que podemos apontar com este estudo é a constatação que apesar da narrativa está presente no seio da humanidade há longínquos anos, seu ingresso enquanto método requer atenção, pois apresenta especificidades teóricas metodológicas que merecem cuidados. Por fim, apontamos que no âmbito das ciências humanas e sociais a narrativa pode ser favorável para criar condições de possibilidades de realização de pesquisas que compreendam com mais propriedade/profundidade o cerne de questões humanas.

MÉTODOS NARRATIVOS: ALGUNS APONTAMENTOS

Podemos observar que as narrativas são impregnadas e impregnam toda a tessitura da realidade, sendo inventada e inventando o que concebemos como iminentemente humano. Em sua constituição a narração possui uma lógica interna que lhe dar sentido “uma narrativa ideal começa por uma situação estável que uma força qualquer vem perturbar” (PAIVA, 2006, p. 02). Observamos assim que há um estado de equilíbrio inicial e que surpreendentemente (ou não) depara-se com uma força de sentido inverso que lhe promove um desequilíbrio, o que exigirá a quebra da inércia pela ação contrária de uma nova força. Este reequilíbrio não constituirá o retorno idêntico ao primeiro início, mas um novo começo com novidades e assim as tramas da narração vão formando outros complexos caminhos de existência. Estas movimentações são semelhantes na realidade objetiva, por isso amplia-se o reconhecimento das importantes contribuições que as narrativas podem dar às pesquisas científicas, principalmente na direção de se compreender melhor ou mesmo inventar a realidade humana. Desta forma, enquanto método vem se expandindo, especialmente no bojo das ciências humanas e sociais. Como exemplos temos o uso das narrativas no cerne nas pesquisas sobre educação como afirma Cunha;

Ao longo das últimas décadas a pesquisa em educação com abordagem qualitativa vem adotando as narrativas como uma estratégia investigativa sobre o “ser professor”, entre outros porque permite que o professor seja simultaneamente sujeito e objeto do estudo (2001, p. 03).

Assim, pela lógica da narrativa, investigador e investigado são reconhecidos como sujeitos e objetos e por isso constroem a realidade. Também pela sua natureza textual, as narrativas circulam em nossa sociedade de formas bem diversas estando presente nos contextos tipicamente humanos como expressa Paiva (2006). Uma história; algo contado ou recontado; um relato de um evento real ou fictício; um relato de uma série de eventos conectados em seqüência; um relato de acontecimentos; uma seqüência de eventos passados; uma série de eventos lógicos e cronológicos, etc. (PAIVA, 2006, p. 02).

Independente de sua forma de circulação as narrativas envolvem três componentes: a História; o Discurso e a Significação. O primeiro contempla as personagens em determinados contextos e acontecimentos; o Discurso diz respeito à forma como a história é apresentada. Por sua vez a Significação representa a interpretação de segundo nível que o ouvinte/leitor/espectador extrai das relações entre a história e o discurso (GALVÃO, 2005).

Como podemos constatar pela existência de seus componentes as narrativas, como uma seqüência singular de eventos, têm os seres humanos como protagonistas, por meio do compartilhamento de suas histórias que lhes são reais ou lhes parecem imaginárias na medida em que expressam suas formas de significação da própria experiência. Neste processo, as atividades linguísticas, os discursos, de cada sujeito são combinadas com as atividades da realidade externa, nestas múltiplas relações é que se constituirá as diversas manifestações daquilo que denominamos como realidade. Por isso, os relatos de experiências pela narração podem ser considerados como um processo de invenção da própria realidade, na qual os sentidos de ordem emocional e social se imbricam e se transformam na medida

em que são transformados. A realidade passa a ser não somente desvelada, mas inventada, construída. Não existindo uma natureza última das coisas. Destarte, as questões centrais, que envolvem a utilização das narrativas no método científico, não se restringem a capacidade linguística de controle do experimento, mas para além deste, entra no jogo de linguagem das ciências as questões sobre o poder da narrativa na organização da experiência humana. Assim, a ênfase não recai necessariamente sobre seu conteúdo, mas sobre seu convencimento. Para além da análise da estrutura textual, as contribuições do método narrativo apontam para as condições de possibilidades de significação da experiência implicando diretamente nas relações da pesquisa no ensino e na aprendizagem. Com esta perspectiva, o método narrativo transcendeu os limites da pesquisa na área da História e da Literatura, pois passou a ser interessante às demais áreas do conhecimento humano, e especialmente para as ciências moles, visto que estas se preocupam em compreender e influenciar as formas como a realidade é (re)construída.

Esta identificação com as ciências humanas e sociais pode ser observada quando se analisa as formas de investigação pela narrativa que está presente nas mais diferentes dimensões teóricas, metodológicas e políticas como afirma Galvão (2005, p. 329). Sob o termo de investigação narrativa incluem-se várias perspectivas, desde a análise de biografias e de autobiografias, histórias de vida, narrativas pessoais, entrevistas narrativas, etnobiografias, etnografias e memórias populares, até acontecimentos singulares, integrados num determinado contexto. Narrativa tem, no entanto, sempre associado um caráter social explicativo de algo pessoal ou característico de uma época. Este caráter social explicativo apontado por Galvão (2005) encontra sintonia com os argumentos de Saraiva (2007) ao expor que os métodos narrativos de pesquisa possuem duas dimensões: holística e categorial. Na primeira há uma preocupação com integralidade da narrativa, ao passo que na dimensão categorial foca-se a análise nos aspectos que se julga mais relevantes ou significativos ao objetivos e objeto de estudo. Em ambas as dimensões os narradores constroem campos de significação a partir de suas experiências e o contexto externo mais amplo. Por isso, o sentido de “verdade” e “realidade” pode ser ambíguo entre os sujeitos. O leitor/pesquisador das narrativas também construirá sentidos para as questões narradas, especialmente nos cenários das ciências moles.

Daí reside o aspecto político das narrativas, enquanto método de pesquisa, pois expressam manifestações de poder, negociação e incursão nas tramas e dramas pessoais e coletivos. Neste complexo cenário, cabe ressaltar a ponderação abaixo:

Não se trata de uma batalha pessoal, mas é um processo ontológico, porque nós somos, pelo menos parcialmente, constituídos pelas histórias que contamos aos outros e a nós mesmos acerca das experiências que vamos tendo (GALVÃO, 2005, p. 330).

Tipos de Métodos narrativos: primeiras aproximações

A validação das narrativas não está centrada na possibilidade de sua comprovação, não podendo ser simplesmente julgadas como verdadeiras ou falsas, pois expressam a verdade a partir de um referencial, de uma situação específica no tempo e no espaço. Os fatos e acontecimentos narrados estão intimamente associados a uma visão de mundo de cada sujeito (mesmo reconhecendo o processo de imposição ou hegemonização das ideologias). Os depoimentos assim retratam “o seu olhar, o seu sentimento, o seu pensamento e a sua reflexão” sobre o que acredita ser verdadeiro, envolvendo também questões éticas (CUNHA, 2007, p. 8). As mesmas podem incluir a análise de biografias e autobiografias; histórias de vida; narrativas pessoais; entrevistas; etnografias; memórias populares entre outras. Esta diversidade relaciona-se com perspectivas teóricas e metodológicas do trabalho do pesquisador. A este, com base também em seu objeto de estudo cabe, tomar decisões e realizar escolhas como aponta Saraiva:

Frente às possibilidades metodológicas da pesquisa narrativa, cabe ao pesquisador definir, tanto em termos estratégicos quanto em termos operacionais, quais métodos são mais adequados à natureza de sua pesquisa, tendo em foco, evidentemente, a questão da qualidade em si da pesquisa qualitativa (SARAIVA, 2007, p. 09).

Neste contexto de possibilidades metodológicas e de ação intencional do pesquisador optamos por discutir, ainda que de forma panorâmica, sobre um pouco das tramas de constituição e aplicação do método narrativo no âmbito das ciências moles. Para isso, elegemos a História Oral e a Entrevista como exemplos a serem demonstradas. A História Oral (HO) é uma metodologia de pesquisa narrativa que se utiliza de entrevistas registradas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos considerados relevantes para história. Sua origem está ligada a própria invenção do gravador nos anos 1950, sendo utilizado não somente por historiadores, mas por pesquisadores de outras áreas do conhecimento como da antropologia, ciências políticas e sociais, pedagogia, linguística entre outras. No Brasil esta metodologia foi iniciada por volta dos anos 1970. A História Oral desenvolveu-se inicialmente de forma relevante em alguns países europeus e nos Estados Unidos. E a partir da década de 1990, com a criação da Associação Internacional de História Oral e com a realização de conferências por esta, houve avanços deste método em outras regiões do planeta. Assim, foram introduzidas questões temáticas típicas destas regiões no cenário das pesquisas em HO das quais podemos citar: Movimento dos Sem Terra; questões étnicas e de mestiçagem; meninos de rua; comunidades indígenas, entre outras. Isto sem enfraquecer questões tradicionais como as que envolvem gênero; imigração; subjetividade entre outras.

Dentre as premissas centrais da História Oral estão: ouvir a voz dos excluídos e dos esquecidos, trazerem à luz as realidades que a escrita não consegue transmitir e testemunhar/denunciar situações de extremo abandono. Possibilitar que os excluídos se pronunciem é reconhecer que cada sujeito é ator da história. Com esta premissa de protagonismo, podemos citar os avanços, mesmo com as notórias limitações, que as mulheres alcançaram por meio de sua inserção na História de Gênero. Nesta direção, já podemos ouvir as exigências das pessoas com deficiência que advogam seu direito a voz pelo slogan “nada sobre nós, sem nós”. Contudo, é mister ampliar a oportunidade da palavra a estes grupos, historicamente silenciados, e lutar para que outros emudecidos exerçam o direito de se pronunciarem tais como os meninos moradores de rua, analfabetos, crianças, idosos, empregados domésticos, entre outros. As pesquisas que vem se utilizando da HO preocupa-se com os grupos que não têm se apoderado da palavra escrita, e será através da oralidade que. Se pode apreender com mais clareza as verdadeiras razões de uma decisão; que se descobre o valor de malhas tão eficientes quanto as estruturas oficialmente reconhecidas e visíveis que se penetra no mundo imaginário e do simbólico, que é tanto motor e criador da história quanto o universo racional. (FERREIRA, et all 2000, p. 34).

Contudo, uma das limitações da História Oral é o enfraquecimento da memória humana, nossa capacidade e necessidade de esquecer. Porém, mesmo esta limitação tem sido utilizada como elemento de análise de vários estudos e pesquisas. O pesquisador pode compreender que estas falhas mnemônicas ou lembranças que transformamos em mitos e lendas são criadas, e estas podem nos remeter para o cerne da representação do que julgamos como real. Nesta invenção da realidade, a pesquisa por meio da História Oral atribuirá relevância aos rumores, silêncios, esquecimentos, hesitações, lapsos. Não é de se estranhar as possibilidades metodológicas das gravações. Além destas características, compreendemos como relevante destacar que a pesquisa em HO apresenta uma divisão ideológica e epistemológica - militante e acadêmica (JOUTARD, 2000). A primeira advoga que as memórias dos excluídos devem se transformar em histórias. Neste cenário, o pesquisador envolve-se politicamente e luta pela transformação da realidade dos excluídos. A HO de vertente acadêmica também se empenha em dar voz aos não ouvidos, mas empreende esforços para

manter um distanciamento científico. Em ambas as perspectivas, compreende-se que quando bem executado este método pode gerar valiosas informações sobre a forma peculiar dos sujeitos darem sentido as suas experiências e a realidade (SARAIVA, 2007). No que se refere à Entrevista no bojo do método narrativo, constata-se que esta se constitui como instrumento básico na coleta de dados das pesquisas de abordagem qualitativa, sendo uma das principais técnicas adotadas na maioria das pesquisas no âmbito das Ciências Sociais (LÜDKE & ANDRÉ, 1986; SILVEIRA, 2002). Uma das explicações para tal aceitação é a possibilidade que o pesquisador tem de suscitar opiniões e entendimentos dos entrevistados sobre o objeto de estudo.

Na dimensão etimológica, o vocábulo “entrevista” é formado pela junção do prefixo *ente*, que significa um espaço entre dois sujeitos ou objetos e *vista*, que representa um ato de ver ou perceber. Entrevista seria então uma comunicação direta entre duas pessoas. Para além de sua natureza etimológica, a entrevista permite a obtenção de dados e serve de aprofundamento de estudos “complementando outras técnicas de coleta de dados de alcance superficial ou genérica como, por exemplo, a observação e o *survey*” (FIORENTINI; LORENZATO, 2009, p. 120). Uma das vantagens deste método é que os entrevistados com pouca ou elevada instrução tem a possibilidade de se expressarem. Ao sujeito com baixa escolaridade há condições de manifestar seus posicionamentos, conhecimentos ou informação. Para os outros a entrevista amplia as possibilidades de expressão para aspectos que a escrita possui limitações em virtude de sua natureza linguística. As entrevistas podem ser classificadas em estruturadas, não estruturadas ou mista. As estruturadas são compostas por perguntas previamente formuladas para respostas mais precisas o que facilita o trato estatístico dos dados. Nas entrevistas não-estruturadas ou abertas permite-se ao sujeito informante a livre expressão e o entrevistador vai organizando a sequência de perguntas ou itens no momento do diálogo com o sujeito entrevistado.

Por sua vez, a entrevista semi-estruturada é uma das mais utilizadas nos meios das ciências moles, pois o pesquisador organiza previamente um roteiro de perguntas ou questões chave coerente com seus objetivos e objetos de estudos. Acredita-se que o sujeito informante está apto para fornecer informações consideradas relevantes. Esta modalidade de entrevista se “se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o pesquisador faça as necessárias adaptações” (LÜDKE & ANDRÉ, 1986). Antes da aplicação da entrevista é indispensável informar ao participante da pesquisa sobre os objetivos e aspectos científicos e éticos da investigação, especialmente sobre o anonimato, o qual promove um ambiente menos tenso e favorável à participação consentida e esclarecida dos sujeitos informantes, mesmo reconhecendo que os sujeitos não são ingênuos ou neutros (RUMMEL, 1977). Com este entendimento de não neutralidade que Silveira (2002, p. 139) discorre que durante a entrevista ocorre um jogo interlocutivo, no qual o entrevistador quer saber algo propondo que o outro (entrevistado) preencha lacunas. Para esse preenchimento, os/as entrevistado/as saberão ou tentarão se reinventar como personagens, mas não personagens sem autor, e sim, personagens cujo autor coletivo sejam as experiências culturais, cotidianas, os discursos que atravessaram e ressoaram em suas vozes.

Nesse jogo, o entrevistador também não se destitui de sua visão de mundo e referenciais teóricos metodológicos, para assim poder enxergar/ouvir as vozes dos outros. Há uma atribuição de valor às condições objetivas e subjetivas implicadas com o objeto de estudo. Destarte, não é dispensável, especialmente aos pesquisadores iniciantes nas ciências moles, o estudo contínuo e perseverante sobre o método narrativo, pois este é tão significativo quanto complexo como afirma Galvão (2005, p. 341); O método da narrativa constitui uma forma simultaneamente rica, exaustiva e difícil de investigação. Rica em termos de experiência humana, pelas interações que se estabelecem entre todas as pessoas envolvidas, exaustiva pelo necessário aprofundamento e diversidade de estratégias para coleta de informação e difícil pela conjugação necessariamente coerente de todos os elementos passíveis de análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O método narrativo pressupõe uma relação de confiança entre investigador e participantes, pois há um envolvimento frontal na realidade pesquisada. Além deste aspecto, neste artigo, observamos que a narrativa é uma prática comum e antiga em nossa sociedade e que se expandindo e consolidando no seio das pesquisas, principalmente das ciências humanas e sociais. Por isso, decidimos analisar o método narrativo através da compreensão de seus significados, características e tipos de usos no bojo das pesquisas. O fato das narrativas constituírem-se em uma modalidade específica de discurso possui o potencial de expressar através a forma com que os sujeitos atribuem significados as suas experiências. Nisto constatamos que existe uma linha tênue ou inexistente entre aquilo que se considera real do denominado imaginário. Não estamos discorrendo sobre uma alucinação esquizofrênica da realidade, mas pensamos que é possível pensar em uma concepção que transcenda a ideia de “desvelar” a realidade, o que no extremo poderá significar uma identificação como uma visão essencialista na qual há uma realidade últimas coisas. Não! O que se cogita é o estabelecimento de condições de possibilidades de (re)construção da realidade. Tal pressuposto poderá encontrar fortalecimento quando se toma como objeto de análise a dinâmica interna da narrativa e sua transposição para a tessitura da realidade. Na narração ver-se o movimento de quebra de equilíbrio e novos reequilíbrios; possibilidades de reelaboração do texto e atribuição de novos significados; necessidade de convencimento da coerência do seu conteúdo. Movimentos estes que se aplicam a história da humanidade.

Evidenciamos também que apesar da narrativa está historicamente presente na humanidade sua utilização enquanto método requer cuidados teóricos metodológicos, especialmente nas ciências moles. Nesta direção optamos em discutir sobre a História Oral e a Entrevista. Concluímos que este método poderá contribuir de forma significativa nas pesquisas no âmbito das ciências moles, pois permite investigar como mais profundidade as complexas questões humanas. Por exemplo, sobre a HO constatamos que esta vem alargando suas fronteiras geográficas e temáticas, mas tendo como um dos desafios para este século não se descolar de seu tripé fundacional que prima por dar voz aos excluídos, aos destituídos/afastados da escrita e aos em situação de extremo abandono. Por isso, alguns advogam sua inserção militante e não apenas acadêmicas nas questões que investiga. O que entendemos como necessário em diversos estudos. Com relação à entrevista, endossamos que está é a mais conhecida forma de coleta de dados nas pesquisas qualitativas, podemos concluir que para excedendo sua etimologia é preciso além de solidez teórica metodológica, consistência ética para sua coerente aplicação na medida em que se reconhece que entrevistados e entrevistador participam de um jogo de linguagem no qual há regras e que os sujeitos se inventam.

Por fim, cabe ressaltar que o método narrativo contribui na compreensão mais profunda da complexa relação entre as pessoas e quiça contribuirá para reinvenção de uma humanidade (mais) justa, inclusiva e amorosa. Na medida em que amplia/contribui para que os sujeitos sejam atores e autores da história.

REFERÊNCIAS

- BRITTO Jr, Álvaro F; NAZIR Jr, Feres. A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. *Evidência*, Araxá, v. 7, n. 7, p. 237-250, 2011
- CUNHA, Renata C. A pesquisa narrativa: uma estratégia investigativa sobre o ser professor. PPGE-UFPI, 2009. Disponível em http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2009/GT.2/35_Renata%20Cristina%20da%20Cunha.pdf.
- FERREIRA, Maneta M.; FERNANDES, Tânia M. ALBERT, Varena (org) *História oral; desafios para o século XXI*. Fundação Osvaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2000.
- FIorentini, Dario; LOrenzato, Sérgio. *Investigação em educação matemática: percursos teóricos e metodológicos*. 3. Ed. Ver. Campinas, São Paulo: Autores associados, 209. – (coleção formação de professores)
- GALVAOA, Cecilia. *Narrativas em educação*. *Ciência & Educação*, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005
- JOUTARD, Philippe. *História oral; desafios para o século XXI*. In FERREIRA, Maneta M.; FERNANDES, Tânia M. ALBERT, Varena (org) *História oral; desafios para o século XXI*. Fundação Osvaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2000.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- PAIVA, Vera L. M. O. A pesquisa narrativa: uma introdução. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*. vol. 8, n. 2.
- RUMMEL, J. F. *Técnicas de entrevista na coleta de dados*. in. RUMMEL, J. F. *Introdução aos procedimentos de pesquisa em educação*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1977.
- SARAIVA, Luiz A. S. *Métodos narrativos de pesquisa: uma aproximação*. *Gestão.Org*, v.5, n. 2, Mai/Ago, 2007.
- SILVEIRA, Rosa M. H. A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. In: COSTA, Marisa V(org.) ; VIEGANETO, Alfredo; [et. Al]. *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
